



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



OS FUNDADORES DA CASA DO GAIATO DE LOURENÇO MARQUES

África

Foi a quinta vez que cheguei da velha Europa. A impressão de surpresa de há sete anos; a comoção de pisar terra ferida de fresco de há cinco anos — é substituída pela alegria do reencontro. Tudo nos parece agora na sua face mais real, que, todavia, não desmente a porção de fantástico que propõe sempre as primeiras visões. O encanto de Luanda repete-se e acrescenta-nos o consolo de uma evolução incessante, que, contudo, deve ter um limite, ou tomar outro ritmo mais em harmonia com o crescer de Angola toda.

Mora em mim um sentimento de posse mais nítido que anteriormente. Funda-o o amor que também evoluiu desde aquele dia distante de Junho-60 em que Júlio e eu, deixado o avião, olhando-nos, nos interrogámos, unidos: — E agora, que vamos fazer? Sim, creio que não teria forças, hoje, para começar pelo mesmo princípio! Mas foi por ele que a simpatia prévia por África se nos transformou em amor, em amor crescente no conhecimento e no desejo. Por

A OBRA DA RUA

em MOÇAMBIQUE

Lourenço Marques, 5 de Novembro de 1967, no primeiro dia em terras de Moçambique.

Aos nossos Amigos que neste Portugal do Índico, há anos nos esperam e compartilham a nossa ânsia de até aqui trazeremos a mensagem de amor e ajuda às crianças abandonadas; aos nossos Amigos de Portugal europeu que acompanham este nosso desejo e viveram connosco os preparativos da largada, a nossa saudação de

corresponder à esperança que põem em nós e que nós colocamos no Nome do Senhor.

Os nossos primeiros momentos são de acção de graças a Deus por tudo quanto acabamos de receber através de todos quantos fizeram esta hora. A Ele devemos atribuir tanto bem que se conjugou e tornou oportuna e feliz a nossa vinda e só n'Ele podemos agradecer o acolhimento, quer das pessoas amigas que o são de há muito, quer dos nossos

antigos gaiatos que por cá trabalham, e que foi conforto extraordinário, nesta terra tão bela e tão rica, mas onde se não fôra isso, nos sentiríamos um pouco estrangeiros, no meio de tantos irmãos de cor que nos rodeiam e entre si falam estranha linguagem. A vossa amizade é uma certeza em que nos apoiamos neste começar tão prometedor, e a tarefa que nos cabe não transcende as nossas forças humanamente tão pobres, porque com Deus nada é impossível.

Padre José Maria

MALANJE

Aos novos que partem para L. Marques

Já pensei tanta coisa para quando P.e José Maria e o seu grupo de Gaiatos «Obreiros» passarem em Luanda a caminho de Lourenço Marques... Num batuque em pleno porto de Luanda! Levar-lhe um ramo de cafeeiro! Dizer a cada um que os espera uma cidade linda e uma baía onde o olhar se perde em êxtase! E, sobretudo, destapar um pouco o véu, para que, nos restantes dias de viagem, antevejam os corações (da gente de L. Marques) anciosos pela chegada! E como eles têm embalado o sonho desta ida!

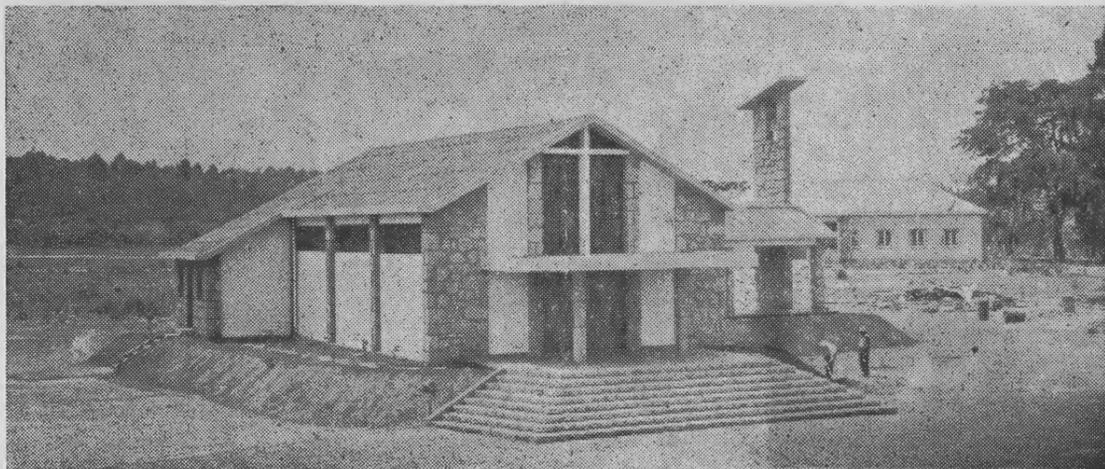
E, depois, aumentar em vós a pressa de chegar. É que a messe está pronta e tão madura — que vos deveis preparar para colher e semear com abundância. Tudo, dentro daquela simplicidade e certeza de que é o Senhor a semear e a colher.

E, ainda, falar-vos naqueles dois casais que de certo modo, nos têm apla-

nado o caminho: um, com a ajuda de várias pessoas, tem em casa trinta crianças; outro, senta à sua mesa três. Pequenas Casas do Gaiato em plena cidade.

Daquele casal Amigo que nos deu a quinta e outros amigos que esperam... Que Deus lhes inspire o sentido de ajuda.

Que vós sejais para todos uma presença viva do Senhor! E continuação de Pai Américo nas ruas da cidade!



OUTRA PERSPECTIVA DA NOSSA CAPELA DE MALANJE.

★ BELEM ★

É tempo de as instituições de Assistência se deixarem impregnar do espírito do Vaticano II, abrindo-se ao diálogo. A afirmação pode fazer-se a respeito de todas, indistintamente. Mas ficaria bem às instituições da Igreja, ou orientadas por católicos, que tomassem a dianteira e dessem o exemplo. Têm um luzeiro em Paulo VII

Aqui, como no caso de aproximação dos Irmãos separados, que não haja quem se preocupe muito com os de fora, sem dar conta de que nem sequer há caridade que baste para unir em fraterna e leal colaboração aqueles que já habitam a Casa Comum.

Mas, graças a Deus que já, entre os responsáveis pela Assistência, há a inquietação dos que se não conformam com o clima de isolamento e desinteresse, em que se tem vivido.

Pela minha parte, ao longo destes primeiros anos da vida de Belém, tenho tido ocasião de conhecer responsáveis doutras obras, espalhadas pelo País, umas do tipo clássico, outras modestas, que vieram até Belém para nos conhecerem e se darem a conhecer. Pena tenho de nunca ter podido pagar tais visitas, pois é pela convivência fraternal que se derrete o gelo da indiferença.

É fácil de ver que uma franca e leal colaboração entre as Obras, levaria a um maior enriquecimento de cada uma, pela experiência das outras, e a uma colheita de frutos muito mais abundante. Ora, a quem trabalhe só por amor de Deus e do próximo necessitado, nada mais deve interessar.

Esta união na Caridade é possível e necessária entre todas as Obras, sejam quais forem os seus fins específicos.

Mas, quando se trabalha no mesmo ramo da Assistência, ela pode e deve levar a uma colaboração mais estreita e profunda. No caso de assistência a raparigas, quantos benefícios se não viriam a colher duma tal colaboração!

Também muito interessa que as Obras a exercer a sua acção na mesma cidade, vila, freguesia, zona de bairro, se conheçam, colaborem e estejam ao corrente da acção desenvolvida por cada qual e até das pessoas que assistem. Doutr modo, mesmo que não haja guerra aberta, quantas vezes não andam umas a desfazer o que as outras fizeram... E, se não escandalizam os observadores de fora, pelo menos desperdiçam muitas energias, tempo e dinheiro.

É assim um pouco por todos os lados, infelizmente, mas eu não precisaria sequer de deixar Belém e Viseu para provar tudo quanto afirmo.

Termino fazendo um convite a todos quanto, me lerem, mas sobretudo aos responsáveis de Obras:

Por favor, digam para cá algo do que pensam sobre o que aí fica exposto, a traços largos.

Este jornal, franco, aberto e tão lido, seria óptimo meio de estabelecermos um diálogo, que poderíamos considerar aberto, desde já, se quiserem...

Inês — Belém — Viseu

Não me tem sido possível escrever. Não gosto de ser pessimista e muito menos de o revelar. No entanto desde há tempos me domina uma forte emoção de «pessimismo».

Criar uma Casa do Gaiato é algo que ultrapassa o ambiente interior de uma família. A Obra é eminentemente social. Os reflexos de uma mentalidade social errada atingiu profundamente o ser interior da Obra. As estruturas de uma instituição desta natureza estão em oposição aberta ao que pensa a maior parte das gentes! Por algo Pai Américo fundou um jornal, por algo soufreu e refilou.

Somos uma família e tanto quanto nos é permitido pela dimensão dela, damos a todos os nossos rapazes o afecto paternal. Por eles vivemos, totalmente inseridos na sua vida. Na sua pobreza e na sua riqueza. Na alegria e no abatimento. Nas suas crises e no seu florir. Temo-los como irmãos. Uma fraternidade que surge irresistivelmente da dignidade da sua natureza humana. São irmãos. Ser irmão é ter direito à Comunhão total devida conforme a medida de cada um.

Lá fora não é assim. Os homens têm imensas palavras. Fazem discursos extraordinariamente belos. São capazes de sorrisos e cumprimentos. São até às vezes capazes de um beijo numa atitude pedante e hipócrita. Mas a vida está tão longe do coração. E o que interessa é o coração.

Por algo Jesus afirmou que o «seu Reino» está no interior do homem. O interior é que manda. Ele é que dá os reflexos. Todos temos intuição.

Os nossos rapazes sentem o vazio que à sua volta se gera por serem nossos. Algo que os marca. A mentalidade está assim feita. É muito difícil renovar mentalidades, sobretudo quando elas

Setubal

assentam no egoísmo dos homens e vão de encontro à categoria das pessoas divididas em classes. Os nossos são os miserandos! Quando muito umas pessoas de terceira classe!

Como me dói! Quando os contemplo, capazes de grandes responsabilidades, a comprovarem com a sua vida o que afirmo, a injustiça dos juízos humanos criam em mim uma revolta enorme e eu pergunto porquê Senhor? — Passaram-se muitos anos! As coisas foram feitas assim. A mentalidade cristalizou!

Há dias o rapaz que tem todo o dinheiro das oficinas e toda a responsabilidade económica foi para receber a dívida de uma conta. O recibo era assinado por ele. Que não. Que não pagava. Era necessário que «o Senhor Prior» assinasse.

Para além da cautela do freagüês estava sobretudo o pensamento de que «o Senhor Prior» era tudo cá em Casa. Que homem importante!... Os rapazes são uns «coitadinhos assistidos» de que é necessário ter cuidado!...

Os setubalenses não sabem que a Casa do Gaiato é uma Obra de rapazes. Onde o rapaz é tudo; não porque nós lhes damos mas porque não lho tiramos. É ele que trabalha, que comanda, que se responsabiliza, que sofre. É uma pessoa com dignidade igual á de todos os homens e que muitas vezes merece mais respeito ainda, não por ser da Casa do Gaiato mas por ser o que é: — Um homem capaz.

É tão difícil arranjar hoje um homem para comandar! Tão difícil. Eu pús um anúncio no jornal a pedir um serralheiro. Apareceram tantos! Conversei com cada um. Eram serralheiros sim mas não eram homens. Entre nós faz-se uma eleição todos os anos para escolher os que hão-de abarcar com a nau. Este ano foi eleito um rapaz de dezassete anos! E se ele comanda! E com que pureza de consciência!

Quantas pessoas pasmam de ver os nossos no banco a levantar dinheiro e a depositar! Pois como poderia ser de outra maneira! Se o dinheiro é deles; ganho com o seu suor!...

O Rogério tem todo o nosso pecúlio nas suas mãos. Quando eu preciso de «massa» peço-lhe. Tem também as nossas dívidas bem presentes na sua memória.

das e lhes soprem um espírito novo tal como os Bárbaros fizeram aos Romanos. Também eles eram, pelo menos, mais puros do que estes. E Cristo não voltou às catacumbas — pelo contrário!

Se a velha Europa não aproveitar o breve instante que talvez ainda lhe resta..., nem por isso hão-de temer aqueles que estão em verdade imbuídos de Cristo, que com Ele não mora a perdição.

Desabafa às vezes comigo assim: — quando é que a gente consegue pagar tudo o que deve!... Eu animo-o mas fico contente pelo seu sofrer!...

Peço-te leitor amigo que me ajudes nesta cruzada de mentalização. «Nós somos uma palavra nova que se levanta em Portugal». Uma palavra que não é de palavras mas de vida.

Esta Obra é grandiosa, como muita gente diz, mas a sua grandeza é por dar ao rapaz o que lhe pertence.

Padre Acílio

Nova largada de Amor

Esta nova largada rumo a Moçambique saiu do Altar da nossa Casa do Tojal, a mais próxima do Príncipe Perfeito. Padre José Maria, o pai da família que vai ser em Lourenço Marques, presidiu à Refeição Eucarística. Na palavra que dirigiu a todos (padres, rapazes e amigos) disse do sentido de mais esta largada: mensagem de amor. Vamos amar. Vamos repartir amor. Vamos dar amor do Amor que Deus nos dá. Vamos amar os irmãos famintos, famintos de amor. Vamos ao encontro deles, sem saber quem eles são. Vamos em nome do Senhor, confiados no Santíssimo Nome de Jesus. Não levamos — nem levemos — outra preocupação.

É do Altar que temos partido sempre, por isso o nosso rumo tem sido certo. Pai Américo fez-se padre e serviu-se do Altar para amar. Os Padres da Rua servem-se do Altar para amar. O mundo não sabe de onde vem o triunfo. O mundo não conhece a origem dos verdadeiros valores. Proeuramos onde não os encontra, nem nunca os encontrará. E por isso o desconserto!...

Era já noite quando o Príncipe Perfeito deu o último apito e se começou a fazer ao largo. O nosso grupo de quinze, de semblante em festa e lenços a acenar nas mãos, foi-se perdendo nos quinze dias de mar. O Amor do Senhor os levou. O Amor do Senhor os conserve na vivência contínua do seu Amor.

Mais um rebento da Obra da Rua plantado agora em Moçambique. Que o Senhor, em nome de Quem o plantamos, lhe dê a fecundidade que Ele quiser.

Padre Horácio

ÁFRICA

Continuação da PRIMEIRA pág.

causa deste amor foi que dois «padres da rua» voltaram em 62 pensando já num próximo vir, que Deus proporcionou um ano após, quando vieram outros dois para ficar. Desde então o amor enraizou-se; agora vive já da sua estaca africana, que pegou. É seiva, bebida de suor e alguma vez, também de gotas de sangue nosso, que o alimenta e renova. E assim a realidade não apaga nem desmente o elemento fantástico da primeira visão e dos primeiros sentimentos — e a primavera do nosso amor por

África não passou em Angola e vai produzir as suas primícias em Moçambique.

Eu creio que África há séculos objecto de cobiça, espera, desesperada, quem a ame. Esta alternância de esperança e desespero pode explicar suficientemente as conclusões que a agitam e a revoltam contra a velha Europa que lhe não soube ser mãe. Novas cobiças desabam sobre ela e a perturbam sob bandeira falsa de libertação. De leste ou do oeste, são civilizações decrepitas de espírito que lhe estendem a mão, a esta África que as supera pelo menos em pureza. Talvez ainda

fôsse tempo da velha Europa se redimir. Talvez haja ainda um instante de expectativa, temperada embora, de impaciência, da parte desta pobre África, que ainda se não viu ninguém, sinceramente, ter considerado gente, senão aqueles que estão em verdade imbuídos de Cristo, não apenas revestidos.

África será, talvez, a pedra de toque da chamada civilização ocidental: o princípio do seu renovo ou do seu fim.

Deus é eterno e eterna a Sua misericórdia. Cristo não nascerá de novo, mas permanecerá até ao fim do tempo, único em cujo Nome há salvação, junto de todo o homem de boa vontade que O acolher e viver, por Ele e nEle, conforme o Amor.

Se a velha Europa não aproveitar o breve instante que talvez ainda lhe reste para se redimir, pode ser que outros lhe tomem as suas formas civiliza-



A rematar as considerações expandidas anteriormente, que nós temos vindo a reconsiderar; e a preparar o assente a necessidade de se manter a distinção das duas modalidades de filiação com que inicia algumas palavras sobre a orientação seguida em relação a cada uma delas—o Autor da lei diz: Por isso ainda que seja dever da lei fomentar todas essas reacções em benefício dos filhos ilegítimos, considerados em concreto, nada lhe permite abolir genericamente a diferença entre as duas categorias de filhos e querer, por artificio, impor às famílias, como membros, pessoas que lhes são estranhas, e apresentar, como familiares, relações que na verdade não assentam na existência real daquela instituição.

Em que assentará, então, a relação de que é sujeito o filho, substancialmente considerado, independentemente de adjectivo que o qualifique? Encontrar-lhe uma «existência real» em que se radique, não será mesmo o problema fundamental que o legislador tem de encarar? Ou vamos deixar a «existência real» que é um ser humano, perdido das suas origens, errante como um fantasma?...!

A lei tem não só que fomentar mas que definir deveres e impor soluções, sempre que o problema surge ao nascer uma vida que não encontra, espontânea e evidente, uma família que assuma o cuidado de si.

Ora todo o filho que nasce tem relação real, existencial, para os seus pais. Podem estes não constituir uma família... Daí surge para a Sociedade que a lei pretende ordenar um gravíssimo compromisso, que não é de mera classificação de condição jurídica, mas de prestação de resposta real, o mais adequada possível à realidade perfeita, àquele homem que espontânea evidentemente, não encontrou uma família constituída para o receber. O dever do legislador não é partir da distinção das duas modalidades de filiação segundo trajectórias divergentes, mas pe-

Filhos ilegítimos?

lo contrário, procurar o paralelismo à direcção que a Lei Natural define para uns e outros, qualquer que seja a condição do seu nascimento. A lei não compete apenas registar e regular factos, mas procurar remédios para os que não são conformes aos direitos de Natureza. Ora estes conferem a todo o ser humano uma relação real para quem lhe gerou a vida. Artificio me parece não impor a estes o estrito e inalienável dever de corresponderem àquela relação real que, em sentido inverso, se chama paternidade.

Nascido, pois, alguém na ilegitimidade, há que procurar-lhe os progenitores e avaliar a capacidade destes para a formação do homem que geraram. Não vamos dizer que, se o pai é cabeça de família, o filho haja de ser imposto a esta como membro convivente até porque pode a mãe ser capaz e naturalmente a mais indicada para o criar. Mas isto de maneira alguma subtrai o pai à responsabilidade da criação do filho e

consequentemente a família encabeça, na medida em que ele e ela são solidários, formam um só todo. O pai é sempre pai, cabeça dos filhos que gerou tanto na legitimidade como na ilegitimidade. Nele se fundam laços reais de fraternidade entre os filhos todos, mesmo dos nascidos em condição diferente de legitimidade. Será isto artificio?... Se não é — como classifica o Autor de artificio o impor à família a aceitação de um facto real de que é primeiro responsável justamente o seu chefe?!

Que bela lição a daquela carta há quinze dias publicada sob esta epígrafe! Não será a reacção saudável daquela Família — plena de Caridade e iluminada pela Justiça, o protótipo que o Legislador deve tomar da vida ao pegar na sua ciência jurídica para elaborar a lei? Ou vai-se nivelar a lei pelas reacções inferiores, vulgares, impregnadas de amor próprio ofendido e de egoísmo da maioria das famílias cujo pai prevaricou?...

isso se quebra o vínculo entre filhos e pais. E muito bem porque este vínculo é ontológico e não apenas jurídico! Ora se o ontológico tem prioridade lógica e cronológica sobre o jurídico, que este se liberte da prevalência que dá ao preconceito da distinção entre as duas categorias de filhos, porque afinal a oportunidade da lei e da Autoridade surge quando falta a consciência aos homens; que quando está é presente, os filhos, gerados ou não na legitimidade, terão dos seus progenitores o essencial que lhes é devido: amor e a justiça que resulta do amor, na medida possível a cada um.

A necessidade desta distinção que o Autor da lei considera suficientemente demonstrada e «assente» e que nós, olhando a vida, não vemos nada evidente — parece-nos reveladora, isso sim, da doença do juridismo. Como se alguém pudesse impugnar a perícia com que o nosso Xico de Malanje conduz a camioneta (tal qual ainda há pouco o vi da janela desta Casa-Mãe africana) só porque não tem carta e a lei lhe veda (e muito bem em razão da idade) o sair à estrada!



Aqui vai uma palavra de agradecimento, para todos os nossos Amigos, que com a sua

ajuda nos proporcionaram a nossa Peregrinação ao Santuário de Fátima, onde nenhum deles ficou esquecido, aos pés da Santíssima Virgem. Foram quatro camionetas, da nossa Freguesia, com o Senhor Abade na nossa companhia. As tecedeiras que nunca tinham saído daqui, vinham muito contentes, dizendo que nunca esperavam ver coisas tão bonitas que, decerto, não tornariam a ver. É que o bilhete era de 140\$00, e para quem é pobre, é luxo que não podem ter. O que eu pedi, era apenas uma ajuda, para que lhe não ficasse a viagem tão cara. Não se juntou o necessário, mas mesmo assim, não deixámos perder a ocasião. Apenas 16 leitores corresponderam. No entanto, confiamos no Senhor, que mais alguma virá. É sempre tempo de praticar o bem!

Quando a encomendas enviadas, como se usam muito os chales de bico têm ido para toda a parte do País e em grandes quantidades.

Foram também 2 mantas para os Açores. Lamego, 1 carpete. Insua, 1 chale e 2 camisolos. Está a chegar o inverno, e nós temos muitas feitas, para atender todos os pedidos. Os donativos mensais, não faltam. Bem haja a persistência!

Maria Augusta

Visado pela
Comissão de Censura

TRIBUNA de Coimbra

Era tarde e já muitos dormiam quando passei pela camarata dos médios. Em cima da mesinha de cabeceira do Chola estava um caixote com fitas miudinhas. Perguntei e disseram-me que era do Fala-Barato. Quis saber mais e veio o segredo. Fala-Barato tinha aconchegado a si, no meio dos lençóis, uma pomba que estava a aquecer. Alentejano tinha outra do mesmo modo.

Fala-Barato é o sacristão e dias antes tinha encontrado duas pombas novas caídas da torre. De noite os ninhos eram as camas deles, mais o bafo quente. De dia era o caixote com as fitas miudinhas.

Fala-Barato, em pequenito, foi-nos entregue pelo Tribunal de Menores. Era conhecido nas ruas de Coimbra por Terror da Alta. Hoje Fala-Barato serve ao Altar, é carpinteiro e aquece na sua cama as pombas caídas.

Quem ainda não descobriu os nossos segredos e as nossas armas?

x x x

De passagem pela nossa Casa de Setúbal Padre Acílio não nos largou sem irmos ver suas pocilgas. O ano passado esta-

vam cheias e numa tarde tiveram de matar tudo. Eram cento e tal porcos. Padre Acílio nunca mais nos chamou.

Agora, começou nova esperança. Padre Acílio toma o meu braço com o carinho que me dispensou desde criança e venha ver os nossos porcos. Depois dos compartimentos ocupados por porcos começa o inédito: um compartimento com porquinho; da Índia, que faziam uma chiadeira medonha; outro com uma coelha prestes a ter sua ninhada; mais um com coelhinhos de raça negra; outro com um pombo correio; ainda outro com coelhitos malhados; e mais outro com outros e outra raça.

Padre Acílio olha para tudo aquilo com muita simplicidade e exclama: Olhe, são coisas dos rapazes! O que é que a gente há-de fazer?...

As pocilgas de Setúbal mais me parecem um pequeno Jardim Zoológico.

x x x

Falando de animais na nossa vida não posso esquecer a laica. A laica foi com o grupo

Continua na QUARTA página

Outro Apóstolo do Amor

Foi há momentos a enterrar o corpo frio do Padre Grilo. O corpo estava frio, mas à volta havia calor da fogueira de amor que ele procurou acender e atear.

O funeral do Padre Grilo foi uma apoteose à sua vida sacerdotal totalmente dada a servir os mais aflitos. Uma multidão incontável o beijou e o quis acompanhar à igreja e ao cemitério. À frente, em duas alas, iam os cento e trinta pequenos que eram agora os seus filhos. A guarda de honra ao caixão foi constituída pelos mais velhos que hoje estão colocados e vão dando testemunho do amor do sacerdote que se fez seu pai.

O Norte, e sobretudo o Porto e Matosinhos, tinha e continuará a ter o Padre Grilo nas entrâncias e irá continuar a amar a sua Obra. Daí a multidão com lágrimas nos olhos. O povo canonizou-o. É um Santo.

Diante do Padre Grilo vestido com a sua batina preta, e agora já sem vida, senti a sua mão a apertar-nos há onze anos atrás no funeral de Pai Américo: coragem, meus filhos; Deus há-de ajudar-vos. Foi a sua bênção. Hoje pedimos a sua bênção do Céu.

Padre Horácio



OBRA DE RADAZES PARA RADAZES, PELO RADAZES

Mais um recado aos assinantes do «Famoso» e da Editorial

Os 16.000 postais que seguiram até 30 de Setembro continuam sendo a nota do dia. É quase todo o correio que provoca é fértil em dois sentidos: delicadeza e volume. Mas também aparecem **catanadas!** É a nossa «desorganização organizada». E a do leitor! Gente que refila — com razão — pelas nossas imperfeições. Penitenciamos-nos. Deles que batem com a mão no peito, por esquecimentos, etc. Também se penitenciam!

A esmagadora maioria de respostas, porém, não refila, não senhor! Aceita o que é óbvio. E põe a escrita em ordem, com um sorriso nos lábios — e nas missivas!

A propósito de **catanadas** — aí vai uma das mui poucas, para abrir o activo:

«Estranho bastante que da minha ficha não conste que, tanto este ano como nos anteriores, enviei à «Casa do Gaiato» cheque sobre o Banco X..., donde se vê que a vossa contabilidade deixa muito a desejar...»

Fomos em cata do lapso: Abrimos a gaveta; procurámos a ficha do Jornal; e os cheques lá estão registados!

Na da Editorial, porém, é que a dita estava em branco. Foi a omissão do remetente quanto ao necessário destino dos cheques... Pois se é jornal — vai pró jornal. Se para este e mais livros — divide-se o bolo. Tem outros fins? Cumprem-se ordens. Mas quando chegam anónimas, imprecisas ou omissas, por vezes — à cautela — ainda vamos de ficheiro em ficheiro. E evitamos muitas falhas. Muitos lapsos. Se não... era um caso sério!

Agora a outra face deste contraste — oportuna, elucidativa — pela mão de uma grande Amiga, também da capital:

«Recebi vosso cartão sobre o meu débito. Devo dizer que já foi liquidado, por donativo à vossa Casa. Minha culpa foi não indicar especialmente o fim, e só vos felicitar por terem a vossa escrita bem feita — melhor que a minha!»

Aceitamos com humildade tanto sim como o não. **Catanadas** ou elogios. Aceitamos tudo! Só pedimos, no entanto, aos senhores e às senhoras assinantes do «Famoso» e da Editorial que, para futuro, ajudem o nosso trabalho. Repetimos:

os ficheiros do Jornal e da Editorial estão organizados — desde sempre — por ordem alfabética. Notem bem: ambos são distintos, por necessidade de serviço. E quando se nos dirigem, esclareçam porquê e para quê. Tenham muita cautela com o vosso nome e endereço de inscrição — tais quais vão n'«O Gaiato» ou nos rótulos da embalagem dos livros. É que se o nome remetido não condiz com o da inscrição, temos trapalhada e dores de cabeça! Avelino (e um pouco eu também!) já anda tão massacrado que pediu para executar uns impressos a enviar aos senhores e às senhoras cujas fichas não encontra e cujos nomes alteram de cada vez que se nos dirigem. Queira Deus termine assim a dança dos nomes, que a das moradas é lei da vida...

Temos ainda em mãos grande maço de cartas sobre o inofensivo postal-aviso. Autêntico monumento de beleza, delicadeza e compreensão! Temos, sim senhor. Mas o Alberto — que é o nosso compositor — está para ali a dizer que este número já tem crónicas suficientes para o preencher. De maneira que vamos calar o bico. E desejar a todos ótima disposição. E o desejo — que fazemos nosso — de que, para futuro, em épocas idênticas, tudo corra sempre melhor e sem grandes salgalhadas.

Júlio Mendes



Mais um casal gaiato — João, de Miranda do Corvo, e sua mulher — no dia do seu matrimónio.

Desculpe o desabafo. Até um dia se Deus quiser».

Agora, um Anónimo:

«Caros amigos:

Esta importância de 110\$00 que junto incluo, pertenceu a alguém já falecido que vivia de esmolas. Ora como sou grande admirador da vossa Obra, resolvi mandá-la para aí, crente de que será bem distribuída pelos vossos Pobres, a quem afinal o dinheiro pertence.

Desculpem o anonimato.

A. M.»

çou muito a sério com seus quarenta e tal alunos. O Satélite, que fez o quinto ano, este ano ficou a ajudar o Sr. Padre Horácio e os chefes. Dá catequese aos mais novos e umas aulas aos que já não têm escola e vai aprendendo as contas caseiras.

Desejamos que todos trabalhem e se esforcem e assim hão-de receber o prémio do seu trabalho.

Os nossos que foram para Moçambique, entre os quais ia o Santana que era da nossa Casa, vieram cá passar uma tarde e ficaram para o outro dia.

Gostámos muito de os cá ver e procurámos tratá-los bem. Eles iam todos contentes. Todos disseram que gostavam muito de ir. Daqui seguiram para Fátima e depois para Lisboa.

Pedimos a Deus que lhes dê boa viagem e que eles sejam todos bons continuadores da grande Obra de Pai Américo.

Um cronista

Tribuna de Coimbra

Cont. da TERCEIRA página

para Moçambique. Padre José Maria foi procurar uma cadeira de raça pura. Julgava que lhe dariam e teve de pagar metade. Ficou desalentado. A entrada do barco foi tal a burocracia e despesa que Padre José Maria se arrependeu de levar a cachorrinha.

Mas fora tudo isto a laica era centro de alegria e interesse. Era ver quem pegava na laica. A laica era a primeira nas refeições. A laica tomava banhos todos os dias. A laica era uma perda pelos rapazes.

Se os rapazes nesta idade não se apaixonam por coisas simples hão-de, necessariamente, apaixonar-se por coisas complicadas. A laica vai ser um grande número da viagem.

Padre Horário

PELAS CASAS DO GAIATO

O QUE RECEBEMOS — Abre o Entroncamento com 50\$00 e o desejo de «que o Senhor nosso Deus seja louvado e nos ajude a ganhar a Vida». São legendas de todos os dias. Fazem muito bem. Espevitam. E dão Vida. O cristão é assim.

Mais 50\$00 daquele Amigo cuja missiva dirigida ao «Caixa d'Óculos» transcrevemos na última edição. Mais 40\$00 da assinante 17022. Mais 50\$00 de um funcionário do B. N. U.: «São para uma necessidade urgente», afirma. E temos muitas! A propósito: na última reunião conjunta, de vicentinos e vicentinas da paróquia, feitas as contas restava um saldo de 90!! A nossa riqueza é a nossa pobreza — dissemos alto, para que todos ouvissem. E como o Senhor não falta, aqui está o recado, para que os leitores não nos deixem passar pela vergonha de termos um «calo» forte na mercearia, farmácia, etc. etc. Mais 50\$00. Hoje é a proclamação dos 50\$00! Um donativo muito saboroso. Porquê? Eu digo: Saiu da caixa da Conferência do Beato Nuno de Santa Maria — Faro. Aqui vai um forte abraço dos recoveiros dos Pobres de Paço de Sousa.

Mais 100\$00, de Barcelos. Metade de uma Maria, de algures, que mandou, também, «umas roupas que se destinam à Conferência.

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O lençol foi-me entregue por uma noiva. Que Nossa Senhora a ajude na nova vida que vai encetar». Que formosura cristã! Que beleza de gesto! Que Matrimónio santo! Aquela Noiva lembrou-se dos Pobres. Eis.

Mais 50\$00, de João Moreira. Mais a Viúva do assinante 6108: «Perdoai-me (o atraso com o «Ovo de Colombo») e como multa do meu procedimento incorrecto mando 30\$00 para a Conferência». Esta delicadeza nasceu, vive e viverá com o «Famoso». É o nosso tesouro.

Atenção ao Caramulo:

«Aí vai uma pequenina nota para a Conferência (20\$00).

Aproxima-se o dia 2 de Novembro — dia dos nossos mortos — gostava de estar perto da campa onde ficou o que restava duma grande Amiga mas como não é possível levar-lhe as flores envio a importância para os Pobres. A oferta das flores só tinha valor na medida em que me dava prazer; assim esses poucos escudos poderão ter real valor acadindo a uma aflição dum Irmão pobre, mais pobre que eu.

Neste momento não me sinto pobre de maneira nenhuma a não ser na falta dum ser muito querido que a morte me levou. Não sou como os pagãos mas o meu ser, simplesmente humano, sofre.

Pedaços d'alma que sangram de Amor por Cristo na pessoa dos Pobres! Não há outra cartilha. É o Evangelho.

Mais Porto com 20\$00. Ainda mais Porto 3x20\$00 de A. F. 100\$00 «Para o Natal dos Pobres», pela mão do assinante 1342. Esta migalha já lembra o Natal! Deus permita que todos se lembrem dos nossos Pobres, por essa altura. Finalmente, vamos sossegar a assinante 17740: tudo quanto nos veio parar à mão, demos conta. Se algo se extraviou foi em nossa «desorganização organizada». Por isso, futuramente, tenha a bondade de frizar, em um papelinho à parte, tudo quanto nos destina. Basta só a legenda: Para a Conferência de Paço de Sousa. Assim, não há mais confusões. Entendido?

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

Terminaram as férias. Começou o ano escolar. Os nossos estudantes foram cada um para a sua vida. Zézito e Henrique regressaram ao Seminário, Manuel, Lita, Luís Manuel e Simões voltaram para o Colégio. Casimiro para a Escola Comercial. O nosso professor Carlos Manuel já come-

Lar do Porto

No momento em que esta escrevo estou agarrado aos livros visto ter exame este ano.

As aulas começaram, os nossos rapazes com azáfama de prepararem os livros, nem me dão atenção aquilo que escrevo. O Sotelo, o Stick, como também o nosso Alcino com a sua nova disciplina de Inglês, nem me passam cartão!

Os do segundo ano lá andam sempre na vanguarda até ao Liceu outros no colégio.

O novo estudante era inescrutável. Não falámos também del aqui. O Quim do Porto, «caloiro» esse começou no Ramalho e julg que tenha entrado com o pé direito no futuro que o espera.

No Infante continuam o nosso Quinzua como também o Mirote! Na Soares dos Reis as figuras mais célebres do nosso Lar: Z. Maria e o Eunice, com os seus desenhos à Picasso, como também a figura risonha do Cebolinha, futuro escultor cá do sítio.

Aqui ficam meus sinceros cumprimentos, desejando umas entradas em alto relevo, e felicidades nos estudos.

Manuel Ross



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE